

A COBERTURA DA AGÊNCIA BRASIL NOS JOGOS MUNDIAIS DOS POVOS INDÍGENAS 2015²¹⁶

Akemi Nitahara²¹⁷

Cristina Rego Monteiro da Luz²¹⁸

RESUMO: Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas ocorreram no Brasil em 2015, organizado pelo Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena (ITC) em parceria com o governo federal brasileiro, a prefeitura de Palmas (TO) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Será analisada a cobertura jornalística do evento, em textos e imagens, realizada pela Agência Brasil frente a outros veículos de mídia on-line. No presente trabalho, analisaremos essa cobertura à luz dos princípios da comunicação pública, de ser espaço complementar para temas não abordados na mídia comercial e promover a diversidade cultural do país, abordando analiticamente a visibilidade alcançada pelas culturas e tradições dos povos participantes do evento nesta agência pública de notícias.

Palavras-chave: Jogos Mundiais dos Povos Indígenas; Agência Brasil; ITC; Comunicação Pública

1 Introdução

Realizados na cidade de Palmas, os Primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) reuniram, entre os dias 22 e 31 de outubro de 2015, cerca de dois mil e duzentos atletas indígenas, dos quais mil e quinhentos de vinte e quatro etnias brasileiras e setecentos de etnias de outros vinte e três países. Foi a primeira competição internacional deste tipo, realizada pelo Comitê Intertribal de Memória e Ciência (ITC) em parceria com o governo federal, a Prefeitura de Palmas, o Estado do Tocantins e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

A criação dos JMPIs foi aprovada nos Jogos dos Povos Indígenas (JPI) de Cuiabá, em 2013. Até a competição mundial, ocorreram doze edições nacionais do evento, sendo a primeira em 1996. Segundo Camargo, Ferreira e von Simson (2011), desde sua criação, o objetivo do JPI foi celebrar os povos indígenas, sem a ideia de competição. Proporcionar renovação cultural e fortalecimento da autoestima e da identidade étnica, além de funcionar como espaço de articulação política e confraternização das etnias.

O lançamento do evento pela ONU e pelo governo brasileiro ocorreu em cerimônia em Brasília, no dia 23 de junho de 2015, com a presença de representantes indígenas de 23 países e 30 guerreiros indígenas brasileiros (ONU BRASIL, 2015). Nessa data, começou também o congresso técnico dos Jogos (BRANDÃO, 2015a).

²¹⁶ Trabalho apresentado no GT 3 Folkcomunicação Midiática na XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²¹⁷ Mestre em Mídias Criativas pela ECO/ UFRJ. Jornalista da EBC. E-mail: akemi.nitahara@gmail.com.

²¹⁸ Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Professora Associada do Departamento de Expressão e Linguagens da ECO/UFRJ. E-mail: cristina.regomonteiro@ufrj.eco.br.

Participaram dos I JMPIs as etnias brasileiras Assurini, Bororo Boe, Canela, Guarani Kaiowá, Javae Itya Mahãdu, Kaingang, Kamayurá, Karajá, Kayapó Mebêngôkre, Kuikuro, Kura Bakairi, Kyikatêjê/Parakatêjê, Maimandê, Manoki, Matis, Paresi Haliti, Pataxó, Rikibaktsa Tapirapé, Terena, Wai Wai, Xambioá Karajá, Xavante e Xerente (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015). Os atletas foram nomeados pelo chefe de seu grupo étnico, com a condição de serem originários de suas aldeias, falarem a língua da etnia e conhecerem a cultura.

A impressionante representatividade de delegações incluiu os Mbya Guarani, Tonocoté, Con, Diaguita, Calchaqui e Mocovi da Argentina; Quechua, Aymará e Guarayo da Bolívia; Cree, Coast Salish, Kwakwaka'wakw e Mohawk do Canadá; Mapuche do Chile; Uitoto, Wayuu, Inga Kamentsa, Ticuna, Yukpa, Cubeo, Pijao, Yacona, Msak, Bari, Arhuaso, Carapana, Guanano, Cocama, Sikuni, Zeno, Kankuamo e Bora da Colômbia; Brunka, Bribri-Cabagra, Ngobe, Bribri-Talamanca e Huetar da Costa Rica; Hidatsa, Apache/Comanche, Crow, Navajo, Northern, Cheyenne, Lummi e Sault Ste. Marie dos Estados Unidos; Kumbaata, Tigray, Oromo, Amahra, Gurage, Welayeta, Sidamo, Afara e Hamer da Etiópia; Igorot, Aeta e Dumagat das Filipinas; povo Sami da Finlândia; Ladino e Achi da Guatemala; Kali'na, Lokono, Wayana, Teko, Wayapi e Pahikweneh da Guiana Francesa; Tarahumara, Tepehuano, Guarijó, Tzotzil, Tzeltal, Maya, Totonaca, Huasteco, Wurrárica, Nahua, Chontal, Purhépecha e Mixteco do México; Miskitu Waspam, Miskitu Bilwi, Mayangna (Tuahka), Mayangna (Sauni AS), Mayangna (Sauni Arungka), Rama, Ulwas, Mayangna AWB, Miskitu AWB e Creol da Nicarágua; povo Maori da Nova Zelândia; Kuna, Ngobe e Embera do Panamá; povo Rajpoot do Paquistão; Enxet Norte, Guarani Ñandeva, Guarani Ocidental, Nivacle, Maka, Ava Guarani, Ache e Enxet Sur do Paraguai; Amazonas/Arawak, Madre de Dios/Arawak, Pasco S. G. Humanmarca, San Martin/Awajun, Ayacuchol/Binchos, Apurimac/Cachinchiya, Apurimac/Llañucancha e Loreto/Cocama Bora do Peru; povo Evens da Rússia; e povo Charrua do Uruguai (Calfin, Roque, Terena e Terena, 2017), além de etnias que representaram o Equador, a Gâmbia e a Mongólia.

As modalidades esportivas dos I JMPI foram tiro com arco, arremesso de dardos, tiro de corda, corrida de troncos, corrida de resistência (10km), corrida de velocidade (100m), futebol, lutas corporais, natação e canoagem, além de demonstrações esportivas e jogos tradicionais específicos de algumas etnias.

Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) caracterizam-se por ser um evento que busca a valorização dos jogos tradicionais indígenas, ou grupos autóctones, como forma de salvaguardar seu patrimônio cultural. Os Jogos buscam promover a aproximação entre os diferentes povos, como forma de celebração de seus costumes, tradições e valores. Por fim, visam a sensibilizar os não indígenas sobre a diversidade

das culturas indígenas e sobre a importância dessas culturas para a formação dos Estados nacionais (CALFIN et al 2017, p. 13).

Ressaltamos que os valores e intenções dos JMPI são os mesmos descritos por Camargo et al (2011) para os JPI. Além disso, os I JMPI realizaram atividades complementares como o Festival Artístico Internacional de Culturas, rodas de diálogo, o Fórum Social Indígena, lançamentos de livros, a Feira Mundial de Artesanato Indígena e a II Feira Nacional da Agricultura Tradicional Indígena (DOLEJSIOVA, 2016). O público foi de aproximadamente cento e cinco mil pessoas (CALFIN et al, 2017).

Arnoux (2020) destaca que os I JMPI retrataram respeitosamente as culturas dos participantes, contribuindo para a reafirmação da identidade dos povos indígenas. Ao contrário do que aconteceu em 1904, nas Jornadas Antropológicas dos Jogos Olímpicos de Saint Louis, onde os povos originários eram exibidos como uma atração exótica e selvagem, de acordo com um monólogo civilizatório onde era necessário que o outro fosse isolado e coisificado (ARNOUX, 2020). Nos JMPI houve, por exemplo, espaço para gestos de dissidência, protestos e reivindicação de grupos silenciados.

Os II JMPI ocorreram de 2 a 9 de julho de 2017 em Alberta, Canadá, onde foram chamados de World Indigenous Nations Games (WIN Games)²¹⁹. Havia a previsão da terceira edição dos JMPI ocorrer no Rio de Janeiro em novembro de 2020, mas em março daquele ano a página JMPI no Facebook publicou um informe sobre o adiamento do evento, por causa da pandemia de Covid-19, para julho de 2021. Em maio de 2021, verificamos que o informe foi excluído, não havendo, no momento, nenhuma previsão para a realização dos III JMPI.

2 Marco Teórico

Neste trabalho, analisaremos a cobertura jornalística feita pela Agência Brasil (ABr) dos I JMPI, à luz dos preceitos da comunicação pública (MENDEL, 2011) e dos estudos culturais (GARCÍA CANCLINI, 1987; MIGNOLO, 2010; DE SOUSA SANTOS, 2017; MORALES e GIRÃO, 2018).

A ABr, parte da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), oferece todo o seu conteúdo gratuitamente para republicação por outros veículos ou sites. A ABr foi criada em 1990 e descende da tradição das agências de notícias governamentais originada com a Agência Nacional, fundada pelo governo Getúlio Vargas em 1937. Com o tempo, a agência foi ligada a

²¹⁹ LUSTY, T. (24 julho, 2017). World Indigenous Nations Games promotes peace, sport and culture. Alberta Native News. Disponível em <https://www.albertanativenews.com/world-indigenous-nations-games-promotes-peace-sport-and-culture/> (acesso em 25/06/2020).

diversos órgãos, promovendo feitos oficiais. O foco em notícias do governo foi mantido até 2003, quando toda a Radiobrás passou por uma reformulação para prestar primordialmente serviços públicos de comunicação. A mudança foi formalizada em 2007, com a criação da EBC a partir da fusão da Radiobrás com a Associação de Comunicação Educacional Roquette Pinto (Acerp), que geria a TVE do Rio de Janeiro e do Maranhão e a Rádio MEC.

3 Metodologia

O levantamento das matérias e fotografias foi realizado através do sistema de busca interna no site da Agência Brasil. O termo “Jogos Mundiais dos Povos Indígenas” retornou trinta resultados de texto. Ampliando a busca para “Jogos Mundiais Indígenas”, aparecem sessenta e quatro resultados, incluindo quatro em espanhol e cinco em inglês.

Na pesquisa de imagens, o site da ABr retornou setecentos e noventa e oito resultados ao longo de 2015 para o termo “Jogos Mundiais Indígenas”.

Foram credenciados duzentos e oitenta profissionais de imprensa para cobrir os I JMPI, de cento e dez veículos de dezoito países (DOLEJSIOVA, 2016, p.10). Aproximadamente a terça parte dos profissionais eram do Brasil. Assim, o evento permitiu uma grande troca cultural e uma abordagem humanista respeitosa.

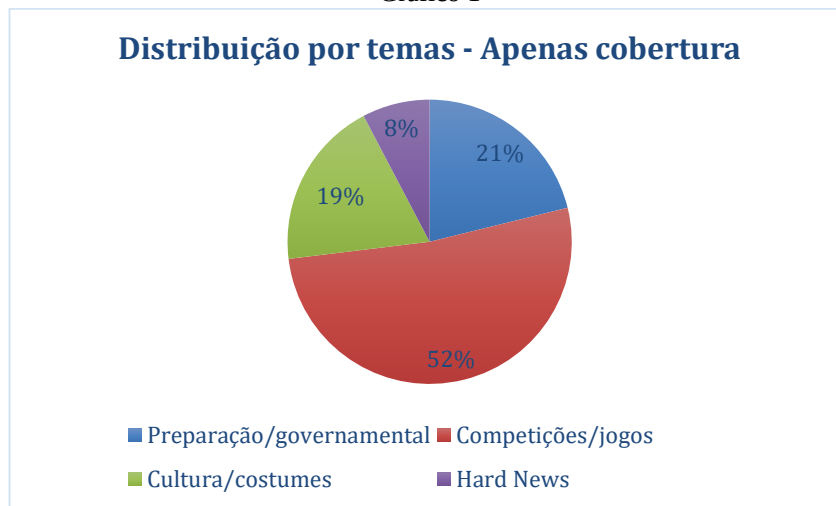
Considerando a importância da midiatização do evento, destacada por Dolejsiova, e que o site apontado pelo Ministério do Esporte e pelo Pnud como o local das informações oficiais dos jogos (<http://www.jmpi2015.gov.br>) não está mais disponível, em tentativa de acesso feita em junho de 2020, a Agência Brasil, por seu caráter público, confirma-se como um importante repositório da memória dos I JMPI. Neste trabalho vamos apontar elementos de comunicação pública cidadã na cobertura jornalística e fotográfica de Agência Brasil nos I JMPI.

4 Análise Quantitativa

Classificamos os sessenta e quatro artigos encontrados no site da Agência Brasil em quatro categorias, de acordo com o conteúdo dos textos e o momento da publicação: **preparação/governamental**, com eventos oficiais e sobre a organização dos jogos, antes do evento; **competições/jogos**, com textos sobre o acompanhamento dos jogos em si, incluindo competições oficiais e cerimônias; **cultura/costumes**, envolvendo outros temas relacionados à cultura indígena discutidos nos eventos paralelos dos JMPI ou abordados pela reportagem, bem como as demandas e dificuldades enfrentadas por essas populações; e **hard news**, que abordam temas que surgiram na cobertura, mas não faziam parte da programação original.

Excluindo da análise estatística 12 matérias que não estão relacionados à cobertura do evento, temos a seguinte distribuição entre os temas:

Gráfico 1

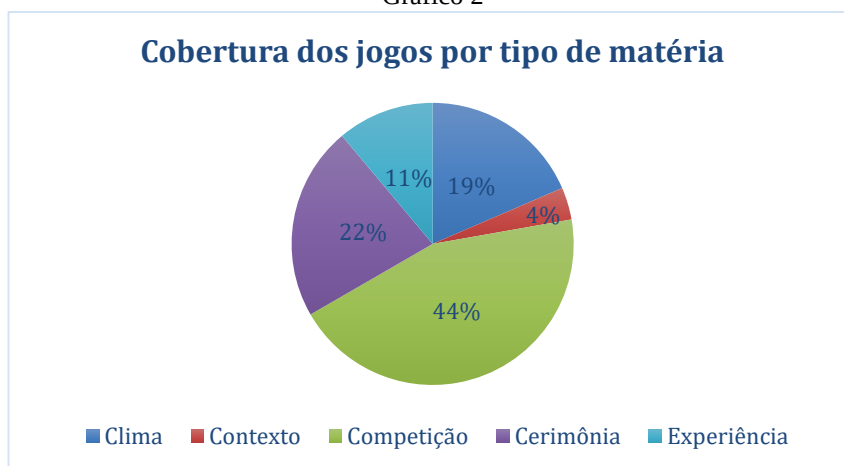


Fonte: autoras

Na distribuição temporal, verificamos que as primeiras matérias sobre os Jogos foram publicadas no dia do lançamento do evento, 23 de junho de 2015. Um destacou a cerimônia e os discursos das autoridades e o outro relatou a preparação dos atletas. No dia seguinte, 24 de junho, foram publicadas traduções em inglês e espanhol sobre o lançamento. A matéria seguinte aparece mais de um mês depois e outra em agosto, ambas com discursos de membros do governo federal sobre a preparação dos Jogos e seus impactos no turismo e no esporte brasileiros. Em outubro a cobertura se intensificou, com matérias sobre as preparações do evento. A cobertura na cidade de Palmas começou em 20 de outubro, três dias antes da abertura oficial. A última matéria da cobertura, que abordou a cerimônia de encerramento dos I JMPI, foi publicada na manhã seguinte ao evento, em 1º de novembro.

Os vinte e sete artigos sobre os jogos em si foram divididos nas seguintes categorias, de acordo com o tema abordado e o jargão jornalístico utilizado no Brasil: **clima**, que são histórias jornalísticas com personagens populares ou que contam a preparação da cidade para o evento; **contexto**, que incluiu apenas o artigo sobre as etnias brasileiras; **competição**, com artigos sobre disputas esportivas; **cerimônias**, incluindo as do acendimento do Fogo Sagrado, a de abertura e a de encerramento dos I JMPI; e os de **experiência**, que trazem a integração entre atletas indígenas e olímpicos ou demonstrações esportivas fora das competições.

Gráfico 2



Fonte: autoras

5 Análise Qualitativa

A Agência Brasil publicou desde artigos sobre os preparativos e a competição em si, até reportagens reflexivas sobre como a sociedade como um todo pode aprender com as culturas indígenas. Um exemplo da perspectiva sociocultural de amplo interesse público na cobertura da ABr é o artigo que apresenta diálogos de uma roda de conversa com mulheres indígenas. A reportagem destaca sua participação na vida política da aldeia, ao contrário da visão patriarcal hegemônica.

Existe um certo machismo dentro da reserva indígena, mas, no fundo, quem decide, quem dá a última palavra, são as mulheres. Eles sempre consultam as mulheres para tomar as suas decisões. Eles estão sempre à frente dos movimentos, mas as decisões são costuradas dentro de casa e eles consultam as mulheres (Genilda Kaigang em Brandão, 2015b).

Outro destaque apresenta as etnias representantes do Brasil nos I JMPI (HEINEN, 2015). O texto fornece informações como tamanho populacional, região onde vive, idioma, cultura e história, além de vídeos complementares. O conteúdo aprofunda o conhecimento dos leitores sobre os grupos étnicos brasileiros e contraria padrões de referência hegemônicos, a hierarquia étnico-racial global e seu consequente racismo epistêmico. No entanto, a cobertura da ABr carecia de detalhes, ou mesmo de uma lista, das etnias estrangeiras participantes do evento.

Como destacam Calfin et al (2017), os I JMPI foram marcados pelo protagonismo dos povos desde sua organização.

A formação do Grupo Coordenador Mundial para os JMPI foi fundamental para que essa celebração fosse possível, na medida em que possibilitou que irmãos indígenas de todo o mundo se reunissem e decidissem conjuntamente as características do evento. Igualmente, os objetivos estabelecidos desde os primeiros Jogos Nacionais de 1996 permanecem e se fortalecem a cada nova edição. Mais ainda, agora com os Jogos

Mundiais, os objetivos consistem em resgatar e valorizar os jogos esportivos indígenas, promovendo congraçamento e intercâmbio entre as nações participantes, fortalecimento da identidade cultural desses povos e confraternização digna e respeitosa dos índios com a sociedade não indígena (CALFIN et al 2017, p.16).

Os autores corroboram a visão de Canclini (1987, p.12), de que a cultura é um instrumento de compreensão social e fortalecimento de um povo.

Esse aspecto é observado em uma reportagem da ABr sobre um tema que pode parecer fútil e colonizado, como um desfile de beleza. A matéria destacou a tradição das festividades nas aldeias, para mostrar os ornamentos e pinturas corporais típicos de cada etnia (TENÓRIO, 2015a). Ou seja, houve reconhecimento da cultura e dignidade dos povos antes excluídos e desqualificados como primitivos, como fala Canclini (1987, p.19).

Como ressalta De Sousa Santos (2017), o conhecimento dos povos integra as ecologias do conhecimento e da tradição intercultural, buscando credibilidade para o conhecimento não científico em diálogo com outros saberes.

A ecologia do conhecimento se opõe à lógica de monocultivo do conhecimento e do rigor científico e identifica outros saberes e critérios de rigor e validade, que operam de forma crível nas práticas sociais que a razão metonímica declara não existir (DE SOUSA SANTOS, 2017 – tradução das autoras).

Esses aspectos foram respeitados pela ABr, como na matéria “Jogos Mundiais Indígenas não são as ‘Olimpíadas’ dos povos tradicionais” (MENDES, 2015). O texto enfatiza que os JMPI não são uma competição entre etnias ou uma busca por medalhas, mas a busca pela consciência dos indígenas no resgate da identidade, incluindo formas tradicionais de fazer os equipamentos utilizados nas competições, como arcos e canoas. Integrando, assim, as ecologias do conhecimento de que fala De Sousa Santos (2017).

Sobre a comunicação pública, Mendel (2011) afirma que o argumento central do serviço público de radiodifusão é atender às necessidades e interesses do cidadão por informação e ser complementar aos atores privados e comunitários. Ressaltamos que a Agência Brasil não é uma emissora, mas uma agência de notícias, e deve seguir os princípios e objetivos da comunicação pública previstos na lei de criação da EBC:

I - complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal;

II - promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo;

III - produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas;

IV - promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente (Brasil, 2008. Lei 11.652 Art. 2º).

A cobertura dos JMPIs pela ABr cumpre o objetivo de fornecer conteúdos não cobertos pelo sistema de comunicação privado, além de proporcionar a diversidade de fontes e promover a cultura nacional.

Em consonância com o cumprimento dessa função pública e dando espaço às vozes dissonantes, a Agência Brasil publicou artigos críticos (BRANDÃO, 2015c), embora as declarações de muitos povos destaquem o espaço dos Jogos como uma oportunidade para dar visibilidade à questão indígena no país.

O jovem estudante xavante, no entanto, diz que o legado dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas será pouco significativo para os índios. “Essa pequena ação do governo federal não satisfaz a maioria. O Brasil deve muito para o povo indígena, porque somos os primeiros povos. Não podemos falar em satisfação, isso ainda é pouco. Isso não vai beneficiar nem o povo indígena. Vai beneficiar o governo”, afirmou Urias (Brandão, 2015c).

A busca pelo papel público e pela desconstrução de estereótipos culturais, como observa Canclini, está presente na matéria “Aldeia conectada: indígenas aderem às redes sociais” (Tenório, 2015b). Em vez de falar sobre aculturação ou fascínio pela novidade, o texto traz elementos coerentes com a atualização cultural dos povos indígenas, alavancados pelas gerações mais jovens, que usam a tecnologia e as mídias sociais para formar suas próprias redes de compartilhamento de conhecimento sobre culturas indígenas e reforçar suas raízes, escrevendo em suas línguas nativas.

Para a pesquisadora de educação indígena, Marina Terena, a cultura das etnias também é dinâmica e não está imune às transformações que a sociedade vive. “É preciso que isso se torne claro para o não índio, para acabar com determinados preconceitos. A tecnologia já está disponível para todas as populações, indígenas ou não indígenas. O próprio movimento indígena hoje se mantém graças à tecnologia, através da disseminação da luta de seus direitos, sua cultura, sua história e trajetória”, disse (Tenório, 2015b).

Sem conseguir se desvincular da tradição de agência do governo, a cobertura inclui algumas matérias que podem ser classificadas como oficialistas. Como a que relata a visita do Ministro do Esporte à cidade sede do evento (Agência Brasil, 2015).

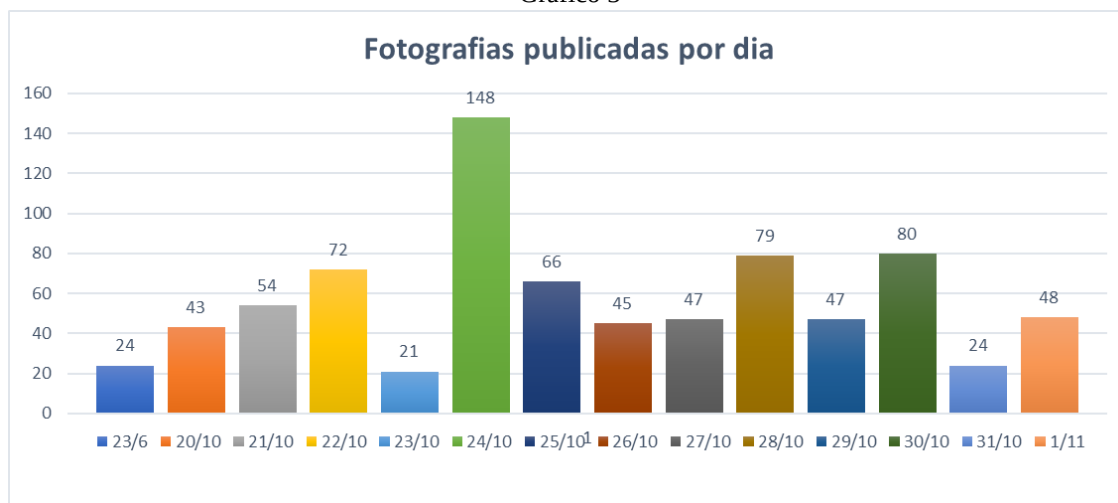
O ministro do Esporte, George Hilton, visitou hoje (28) a cidade de Palmas para saber como estão as obras para os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Hilton conheceu os locais que abrigarão os atletas, as escolas municipais que receberão modalidades desportivas e a Universidade Federal de Tocantins, onde está sendo construída uma pista de atletismo (Agência Brasil, 2015).

Dos doze artigos que tratam das competições esportivas, oito são sobre as disputas de futebol, masculino e feminino, sendo o único esporte em que as competições foram acompanhadas de perto, com matérias sobre as primeiras partidas, a passagem de fases, a classificação das equipes para as finais e a definição dos campeões. Embora as disputas esportivas não tenham sido o foco dos I JMPI, tal acompanhamento demonstra um “vício” brasileiro no futebol e reforça a perspectiva da cultura midiática predominante, já que a cobertura privilegiou o esporte mais conhecido pelo público em detrimento dos esportes típicos dos povos originários.

6 Fotografia

Sobre a reportagem fotográfica, podemos observar uma fissura crítica na forma tradicional de representar grupos sociais dominantes e dominados, levando a uma virada de olhar e representação visual. Nos I JMPI os povos originários se apropriaram do evento e utilizaram seus ornamentos tradicionais, aproveitando a visibilidade de suas imagens como reafirmação da própria identidade. A publicação das fotografias produzidas pela ABr foi distribuída da seguinte forma:

Gráfico 3



Fonte: autoras

No dia 23 de junho, lançamento dos JMPI, foram publicadas vinte e quatro fotos. São registros tradicionais de eventos com autoridades, mas há destaque para a presença de indígenas. A cobertura fotográfica foi retomada no dia 20 de outubro, já em Palmas, com fotografias mostrando indígenas na cidade (Fotografia 1), os últimos preparativos na Arena Verde e convidados internacionais.

Fotografia 1: Jovens da etnia Karajá Xambioá



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil

O destaque do dia 21 foi uma sessão de fotos ao nascer do sol no Ribeirão Taguaruçu (Fotografia 2). A sessão foge da lógica da modernidade e representação dos povos na natureza. Morales e Girão (2018) enfatizam que “a racionalidade europeia conceitua a natureza como subjugada ao sistema capitalista moderno”. A sessão reforça a dinâmica cultural indígena em que a natureza é seu meio de sobrevivência.

Fotografia 2: Indígenas no Ribeirão Taguaruçu



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Destacamos também as imagens da apresentação de *rap* na Oca da Sabedoria, no dia 28 (Fotografia 3). Embora o estilo musical seja estrangeiro, o grupo Bro MC's o utiliza para promover sua própria visão de mundo e cultura, incluindo a rima na língua guarani, um exemplo do conceito de transmodernidade em direção à pluriversalidade como projeto universal de que fala Mignolo (2010, p.17). O *rap* em guarani integra a comunicação inter-epistêmica que contribui para a descolonização epistemológica.

Fotografia 3: Grupo de Rap Bro MC's, da etnia Guarani Kaiowá



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Um aspecto que se destacou no serviço de fotografia foi a descrição, na legenda de quase todas as fotos, da etnia à qual as pessoas mostradas pertenciam.

7 Conclusões

A cobertura jornalística da Agência Brasil sobre os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas foi extensa e não se limitou a competições esportivas, que certamente não foram o único objetivo do evento. As discussões paralelas e temas abordados pela equipe de reportagem demonstram o respeito à alteridade epistêmica que a realidade da multiplicidade cultural do conhecimento e do ser preconizam. Assim, foi possível escapar do monocultivo da mente e apresentar as perspectivas dos povos originais sobre temas como saúde, educação, cultura e política.

A perspectiva da Sociologia Política do Esporte abordada por Altuve (2020) – inclusiva e abrangente - nos mostra que os JMPI foram, sem dúvida, um fenômeno socio-histórico no qual os povos indígenas se apropriaram de uma tradição “civilizada” de competições esportivas

para demonstrar seus próprios interesses. Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas estabeleceram rara presença política e cultural de um segmento da população que aparece primordialmente nas pautas dos veículos hegemônicos em situações de jugo e disputa nas relações vigentes de dominação a que são submetidos pela sociedade capitalista.

O detalhamento e o espaço dado ao evento evidenciam a importância da comunicação pública na cobertura de questões relacionadas aos povos indígenas. Encontramos pouco material disponível online sobre o II JMPI, ou WIN Games, entre eles vídeos e textos publicados na CBC²²⁰ (*Canadian Broadcasting Corporation*), emissora pública nacional do Canadá, e na APTN News²²¹ (*Aboriginal Peoples Television Network*), uma emissora com contribuição governamental voltada para os povos indígenas do Canadá. **Mesmo nos sites da ONU ou do PNUD não foram encontradas publicações sobre a segunda edição dos Jogos, ao contrário do destaque que o evento no Brasil teve, onde foram publicados um relatório final e um livro sobre o I JMPI.** Nos Jogos de Palmas, encontramos um canal no YouTube²²² com vídeos do evento, mas o II JMPI não recebeu tal ênfase.

A cobertura da Agência Brasil sobre os JMPI é um exemplo de cumprimento dos princípios da comunicação pública, de oferecer espaço na mídia para eventos sem ampla cobertura por veículos comerciais e disseminar temas que valorizam a cultura nacional.

Como constatado, não foi apenas no Brasil que notamos a falta de interesse político e midiático sobre o tema dos povos indígenas. Após o esforço para realizar os I JMPI e a ampla cobertura da ABr, o evento desapareceu após os II JMPI no Canadá. Os III JMPI não foram realizados até agora, e não apenas por causa da pandemia Covid-19, já que a previsão inicial de ocorrer a cada dois anos não seria cumprida.

Como desde 2016 a Agência Brasil e a EBC vêm passando por um processo de desmonte, as questões indígenas estão se tornando cada vez menos presentes na cobertura²²³. Quando muito aparecem pautas sobre incêndios florestais ou questões de conflito pelo uso das terras indígenas, mas sem o devido contexto aprofundado e direito ao contraditório. A evidente constatação de pujança da cultura indígena através da cobertura da Agência Brasil sobre o I JMPI evidencia um recorte direcionado das pautas da mídia hegemônica comercial e torna clara a importância da cobertura jornalística ditada pelos princípios da comunicação pública.

²²⁰ HAMPSHIRE, G. (30 de junho, 2017). 'Coming together': Athletes arrive in Alberta for World Indigenous Games. CBC News. Disponível em <https://www.cbc.ca/news/canada/edmonton/indigenous-games-maskwacis-alberta-athletes-1.4185033> (acesso em 25/06/2020).

²²¹ Disponível em <https://www.aptnnews.ca/wingames2017/> (acesso em 29/07/2020).

²²² Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCFLEnrkOIRd07IVRHqkBrdg> (acesso em 29/07/2020).

²²³ Disponível em <https://fenaj.org.br/leia-o-dossie-sobre-censura-na-ebc-2019-2020/> (acesso em 20/04/2021)



redefolkcom



REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL Jogos Indígenas devem receber 10 mil turistas por dia, estima ministério.

Agência Brasil. Brasília, 28 jul. 2015. Disponível em

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-07/em-visita-palmas-ministro-diz-que-cidade-sediara-outros-eventos-apos-jmpi>. Acesso em 26 jun. 2020.

ALTUVE, Eloy. **Deporte, Sociología, Ideología, Política, Poder Y Globalización.**

Maracaibo: CEELA e APJDAT, 2020.

ARNOUX, Aurelio. **El deporte, los pueblos originarios y las perspectivas ideológicas.**

HistELA, v.3, 2020.

BRANDÃO, Marcelo. Ao exaltar diferenças culturais, Dilma lança Jogos Mundiais Indígenas. **Agência Brasil.** Brasília, 23 jun. 2015a Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-06/dilma-lanca-jogos-mundiais-indigenas-que-vao-ocorrer-em-outubro-no>. Acesso em 24 jun. 2020.

BRANDÃO, Marcelo. Índia Kaingang diz que indígenas tem muito a ensinar sobre o papel da mulher. **Agência Brasil.** Brasília, 28 out. 2015b. Disponível em

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-10/india-kaingang-diz-que-indigenas-tem-muito-ensinar-sobre-o-papel-da>. Acesso em 26 jun. 2020.

BRANDÃO, Marcelo. Jogos Indígenas: etnias apresentam ao mundo sua cultura e reivindicações. **Agência Brasil.** Brasília, 27 out. 2015c. Disponível em

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-10/jmpi-populares-em-palmas-indios-querem-atencao-do-governo>. Acesso em 26 jun. 2020.

CALFIN, J. A.; ROQUE, L.; TERENA, M.; e TERENA, T. **Jogos mundiais dois povos indígenas: Brasil, 2015: ou importante para comemorar!** Brasília: PNUD, 2017. Disponível em

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000249170>. Acesso em 24 jun. 2020.

CAMARGO, V. R.; Ferreira, M.B.; e von Simson, O. (org.). **Jogo, celebração, memória e identidade.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **La ecología de los saberes. In Justicia entre saberes.** Madrid: Morata, pp. 237-263, 2017.

DOLEJSIOVA, Ditta. **Relatório geral final do Comitê Nacional Executivo dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.** Brasília: PNUD, 2016.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Las culturas populares en el capitalismo.** México: Nueva Imagen, 1987.

HEINEN, Maíra. Conheça como etnias que vejo ser contestadas por Jogos Mundiais Indígenas. **Agência Brasil.** Brasília, 21 out. 2015. Disponível em

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-10/conheca-etnias-que-vao-disputar-os-jogos-mundiais-indigenas>. Acesso em 13 mai. 2021.



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 371 de 806



MENDEL, T. **Serviço público de radiodifusão**. Brasília: Unesco, 2011.

MENDES, Natália. Jogos Mundiais Indígenas não são as “Olimpíadas” dos povos tradicionais. **Agência Brasil**. Brasília, 16 out. 2015. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-10/jogos-mundiais-indigenas-nao-sao-olimpiadas-dos-povos-tradicionais>. Acesso em 24 jun. 2020.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**. Signo, Buenos Aires, 2010.

Ministério do Esporte. Perguntas e respostas: conheça os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. **Ministério do Esporte**. Brasília, 21 out. 2015. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/53719-perguntas-e-respostas-conheca-os-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas>. Acesso em 24 jun. 2020.

MORALES, Elías. e GIRÃO, Jéssica. **El debate sobre decolonialidad, aspectos indígenas y medio ambiente en América Latina**. Foro Internacional 231, LVIII, pp. 131-160. 2018.

TENÓRIO, Cibele. Jogos têm desfile de beleza indígena para valorizar diversidade das etnias. **Agência Brasil**. Brasília, 25 out. 2015a. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-10/jogos-tem-desfile-de-beleza-indigena-para-valorizar-diversidade-das-etnias>. Acesso em 26 jun. 2020.

TENÓRIO, Cibele. Aldeia conectada: índios aderem às redes sociais. **Agência Brasil**. Brasília, 30 out. 2015b. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-10/aldeia-conectada-indios-aderem-redes-sociais>. Acesso em 26 jun. 2020.

ONU. Brasil e ONU lançam a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. **Nações Unidas Brasil**. Brasília, 25 jun. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-onu-lancam-a-primeira-edicao-dos-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas/> HYPERLINK "https://nacoesunidas.org/brasil-e-onu-lancam-a-primeira-edicao-dos-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas/"